

Analistas aprovam acordo de Paris

REALI JUNIOR

Correspondente

José Paulo Lacerda/AE



Ministro Marcílio *Negociação com bancos recomeça dia 4, em NY*

lippe Laborde, editorialista do jornal econômico *Tribune de L'Expansion*. "O Brasil encerra o ciclo em que insistia em não honrar seus compromissos externos, permitindo a acumulação dos atrasados".

Para o jornalista, essa posição foi aprovada por ampla faixa da burguesia do País, muito

nacionalista, que durante muito tempo tentou desenvolver uma política industrial de substituição visando reduzir a dependência externa. "Brasília parece agora ter mudado de opinião, depois de ter avaliado as consequências dessa posição num momento em que se aceleram a mundialização e a interpenetração das economias."

Para o *Liberation*, a assinatura do acordo com o Clube de Paris representa "a volta do filho pródigo da dívida". Mas o jornal considera que "a fatura será salgada para Brasília, que esperava apenas efetuar pagamentos simbólicos, renegociando US\$ 14 bilhões num prazo de 18 e 20 anos."

Bancos privados — O ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, viajou ontem à noite para Nova York, com o objetivo de apressar as negociações da dívida externa brasileira — estimada em US\$ 52 bilhões — com os bancos credores internacionais.

A agenda oficial começa na noite de quarta-feira, dia 4, num jantar com a presidência do Chicago Council Forum Relation e prossegue no dia seguinte, com almoço reunindo representantes dos principais bancos credores do Brasil.

PARIS — No verão de 1982 o México anunciava a suspensão dos pagamentos de sua dívida externa, inaugurando a chamada crise internacional da dívida. Hoje, o México é tido como o melhor aluno entre os países endividados e se beneficia do apoio da comunidade financeira internacional.

Dez anos depois, o Brasil, o mais importante entre os devedores, também começa a entrar nos eixos, assinando acordo de reescalonamento de sua dívida pública com o Clube de Paris e vencendo mais uma etapa importante do processo de normalização de suas relações financeiras internacionais.

Para analistas europeus, o Brasil está pondo um ponto final numa aventura que só poderia terminar num impasse, por causa da relação de forças internacionais.

Esse é o tom dos comentários publicados pela imprensa especializada, definindo como "razoável" o acordo assinado em Paris. "O Brasil vai desembolsar US\$ 4,1 bilhões nos próximos dois anos, obtendo em contrapartida o reescalonamento de US\$ 11 bilhões de uma dívida de US\$ 21 bilhões", escreve Phi-